



FOUCAULT GENEALÓGICO: CONSIDERAÇÕES DE MÉTODO PARA A POSSIBILIDADE DE UMA ANÁLISE DO PODER

João Lourenço Borges Neto¹

Resumo: Em entrevista a Alexandre Fontana intitulada “Verdade e Poder”, publicada na coletânea organizada por Roberto Machado, *Microfísica do poder*, Michel Foucault esclarece que em seus primeiros escritos - *História da loucura* (1961) e *Nascimento da clínica* (1963) - o campo de análise acerca do poder não estava a sua disposição. Somente após os acontecimentos revolucionários de maio 1968, segundo o filósofo, houve fecundidade possível para suas análises do poder. A condição de possibilidade se apresenta na genealogia como grade de inteligibilidade para estudo do poder. O presente artigo, apresentado na XIX Semana de Filosofia da UFG, pretende discorrer sobre o texto *Nietzsche, genealogia e a história* (1971), tendo em vista que é neste escrito que o método genealógico que percorrerá a obra de Foucault por toda a década de 70 encontra-se mais maduro e, a partir desta questão de método, será possível alçar luzes para uma análise do poder conforme o autor propõe.

Palavras-chave: genealogia; *Urprung*; Nietzsche; poder.

¹ Graduando em Filosofia na Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: joaolourencoborges@gmail.com

O presente artigo reflete sobre o princípio da grade de inteligibilidade proposta por Michel Foucault para a compreensão de suas análises acerca da circularidade entre poder e saber. Segundo o filósofo, a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. Ela está inserida no mundo e produzida nele por meio de uma série de coerções resultando na produção de regulamentos de poder. A palavra “produzida” não é trivial. Foucault pretende mostrar que direcionando a reflexão para o mundo é possível conhecer o momento de emergência da produção dos mecanismos de coerção. Nesses termos, as reflexões deste escrito delimitam-se ao segundo momento do pensamento do filósofo francês, conhecido como genealógico.

Com intenção de facilitar o estudo das obras e vida intelectual dos filósofos, comumente suas trajetórias filosóficas são divididas em fases. O mesmo ocorreu com o projeto filosófico de Michel Foucault que ficou conhecido em três etapas: arqueologia, genealogia e estética da existência. Contudo, é de suma importância frisar que as divisões se tornam eficazes apenas como didáticas ou metodológicas para o estudo e compreensão do autor. Enveredando por esse caminho didático alerta-se que ao eleger o momento genealógico de Foucault como objeto de trabalho não se deve pressupor a intenção de descarte do restante de suas obras e suas influências. Entretanto, como um compêndio da obra foucaultiana é inviável no momento, o artigo aponta suas análises para a reviravolta metodológica emergida a partir de 1968. Para tanto, uma questão de método é inevitável. Do que se trata a genealogia em Michel Foucault? Quais suas implicações para as análises do filósofo?

Uma das condições para alcançar esse objetivo é compreender que as reflexões acerca do poder tiveram o seu surgimento num momento específico nas obras de Foucault. Não estavam completamente ausentes de seus primeiros livros, mas as formulações encontravam-se de forma não específica ou deficiente. Assim, Foucault esclarece em entrevista a Alexandre Fontana: “tenho perfeita consciência de não ter praticamente usado a palavra [poder] e de não ter tido este campo de análise à minha

disposição” (FOUCAULT, 1979, p. 6). Ou, na mesma entrevista: “No ponto de confluência da *História da loucura* e *As palavras e as coisas*, havia, sob dois aspectos muito diversos, este problema central do poder que eu havia isolado de uma forma ainda muito deficiente” (FOUCAULT, 1979, p. 4). Este período ficou conhecido como a fase arqueológica das reflexões foucaultianas, compreendendo as seguintes obras: *História da Loucura* (1961), *Nascimento da Clínica* (1963) e *As Palavras e as Coisas* (1966). Claramente é possível observar entre elas uma aproximação metodológica e uma associação de objetos de estudo, como melhor esclarece Roberto Machado na introdução de *Microfísica do Poder*.

A consideração desses três livros revela claramente a homogeneidade dos instrumentos metodológicos utilizados até então, como o conceito de saber, o estabelecimento das descontinuidades, os critérios para datação de períodos e suas regras de transformação, o projeto de interrelações conceituais, a articulação dos saberes com a estrutura social, a crítica da ideia de progresso em história das ciências, etc. (FOUCAULT, 1979, p. IX).

Desta maneira, as pesquisas foucaultianas acerca do poder tiveram seu surgimento após os idos de 1968. Em outros termos, surgiram após os ocorridos revolucionários desse período, os quais desencadearam a possibilidade de mudança nos objetivos teóricos e políticos do filosófico. Portanto, a preocupação filosófica de Michel Foucault tomou outros caminhos, não estava mais voltada apenas para uma arqueologia dos saberes e das ciências humanas ou para o surgimento dessas ciências, ou melhor, “o como os saberes apareciam e se transformavam” (FOUCAULT, 1979, p. X). Apresentou-se nesse momento uma nova inquietação que lançou luz a um novo questionamento: o porquê do “aparecimento dos saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes” (FOUCAULT, 1979, p. X). Isto é, uma análise do poder e das relações de poder, a forma como ele se exerce concretamente, quais suas especificidades, suas técnicas e táticas. Quais as relações entre o surgimento destes saberes e o próprio poder.

Na aula inaugural proferida no Collège de France, em 1970, em

texto publicado com a alcunha *A Ordem do Discurso*, Foucault introduz os primeiros passos em vista dessa nova perspectiva metodológica. Entretanto, a mudança metodológica apreendida pelo filósofo não nos deve ser compreendida como uma ruptura ou oposição com o método arqueológico, a “arqueologia e genealogia se apoiam sobre um pressuposto comum: escrever a história sem referir a análise à instância fundadora do sujeito” (CASTRO, 2009, p. 185). As preocupações filosóficas de todo pensamento de Michel Foucault estão alicerçadas, em grande medida, nas análises históricas e, dessa maneira, a arqueologia e a genealogia emergem como chaves de inteligibilidade para compreensão de suas obras. Por outro lado, apreender as preocupações filosóficas de Foucault nos anos 70 - período dedicado às obras que abordam as análises do poder - é estender reflexão para a genealogia, entendendo-a como o “maior passo em direção a uma complexa análise do poder” (DREYFUS, RABIBOW, 2010, p. 141).

Ocorre que não é possível iniciar quaisquer estudos acerca do método genealógico de Foucault sem identificar as influências por ele sofridas a partir da leitura das obras de Nietzsche. O termo genealogia é claramente de matriz nietzschiana e o único escrito que Foucault dedicou exclusivamente ao mesmo foi *Nietzsche, A Genealogia e a História*, escrito em 1971 e publicado na coletânea de texto *Microfísica do Poder*. É neste escrito que Foucault melhor desenvolve o conceito sobre o novo projeto metodológico e suas relações com o filósofo alemão.

NIETZSCHE, A GENEALOGIA E A HISTÓRIA

Com efeito, o que é a genealogia? Michel Foucault introduz seu escrito com a seguinte definição: “A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos.” (FOUCAULT, 1979, p. 15). Iniciar o texto com essas afirmações, em certa medida, significa indicar que para um genealogista não existem essências fixas nem finalidades metafísicas. A genealogia é um estudo voltado à história, elegendo um

caminho oposto ao platonismo e ao mundo das ideias. Em outras palavras, um rompimento com as ideias últimas que permearam por muito tempo a tradição filosófica. Assim esclarece Hubert L. Dreyfus e Paul RABIBOW:

A genealogia busca descontinuidades ali onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados. Ela busca recorrências e jogo ali onde progresso e seriedade foram encontrados. Ela recorda o passado da humanidade para desmascarar os hinos solenes do progresso. A genealogia evita a busca da profundidade. Ela busca a superfície dos acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis. Ela evita a profundidade dos grandes pensadores que na nossa tradição produziu e reverenciou; seu maior inimigo é Platão. (DREYFUS, RABIBOW, 2010, p. 142).

O genealogista quando indica Platão como seu maior inimigo desvela a fraude das essências e das verdades últimas e em seu lugar, por meio de uma análise da história e dos detalhes dos acontecimentos, oferece ao horizonte “o segredo de como se fabricam ideias na terra” (NIETZSCHE, 1998, p. 37). Ou seja, a genealogia procura o local onde “verdades” são forjadas, criadas e construídas. Assim o faz Nietzsche em *Genealogia da Moral* acerca dos conceitos morais e Foucault, iluminado pela genealogia nietzschiana, em seus exames minuciosos sobre o poder. A genealogia não trabalha com gêneses lineares, crítica feita por Nietzsche a Paul Rée no prólogo de *Genealogia da Moral* e retomada por Foucault em *Nietzsche, A Genealogia e a História*. Ela exige saberes pormenorizados, um descer às particularidades e singularidades dos acontecimentos, “espreitá-los lá onde menos se os esperava” (FOUCAULT, 1979, p. 15), aonde eram tidos como “não possuindo história” (FOUCAULT, 1979, p. 15). Não é um destinar a história aos prazeres do útil e ao progresso meta-histórico, “como se esse mundo de coisas ditas e queridas não tivesse conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias” (FOUCAULT, 1979, p. 15). Segundo Michel Foucault, a genealogia se opõe à pesquisa da “*Ursprung*”². Logo, qual a importância do termo “*Ursprung*” nas obras de Nietzsche? Foucault aponta importantes distinções sobre esta palavra que se perdem

² *Ursprung* é o termo equivalente em alemão para origem ou princípio.

na semântica portuguesa “origem”.

É exatamente sobre o termo *Ursprung* que as análises de Michel Foucault em *Nietzsche, a genealogia e a história* empreendem uma distinção conceitual nos textos nietzschianos. Aponta Foucault que nas obras do filósofo alemão há o emprego de dois modos distintos para a palavra *Ursprung*. De um lado, encontra-se um uso não marcado, alternando-o com os termos *Entstehung*, *Herkunft* e *Erfindung*³. De outro, o emprego da palavra *Ursprung* marca o significado de “origem” como princípio e sua utilização está em oposição a *Entstehung*, *Herkunft* e *Erfindung* ou, ainda, em alguns casos encontra-se de maneira irônica e depreciativa.

Em *Nietzsche, A Genealogia e a História*, o filósofo francês assinala que o jogo de palavras⁴ *Ursprung-Herkunft-Entstehung-Erfindung* como indicativo de “origem” está presente em várias passagens da obra nietzschiana *Genealogia da Moral*, principalmente no prefácio. Podemos notá-lo, por exemplo, no segundo aforisma do prólogo: “Meus pensamentos sobre a origem [*Herkunft*] de nossos preconceitos morais – tal é o tema deste escrito polêmico [...]” (NIETZSCHE, 1998, p. 8) ou no terceiro: “Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem [*Ursprung*] do mal por trás do mundo” (NIETZSCHE, 1998, p. 3). Na primeira citação, Nietzsche indica qual seu objeto de pesquisa e para tal utiliza o termo *Herkunft*, significando origem como procedência ou proveniência, isto é, oriundo ou que procede de algum lugar. No segundo exemplo, utilizando a palavra *Ursprung* de maneira marcada, evidencia o significado de princípio enquanto a busca por uma origem que se encontra fora do mundo, na metafísica, no divino. Nos dois casos nota-se claramente a distinção que o filósofo pretende evidenciar. Quando faz referência à sua pesquisa pelos preconceitos morais, pretende

³ *Entstehung* pode ser traduzido como surgimento, origem, formação, emergência, gênese; *Herkunft* como origem, procedência, proveniência e *Erfindung* como invenção.

⁴ Compreendemos por “jogo de palavras” a substituição entre termos (*Ursprung-Herkunft-Entstehung-Erfindung*). Eles são utilizados na obra de Nietzsche de acordo com a significação que autor pretende evidenciar para a “origem”. Ora como emergência, procedência e invenção e outros como gênese e princípio.

fazê-la numa busca pela procedência, *Herkunft*. E quando associa a origem como algo que está atrás do mundo, o termo escolhido é *Ursprung*.

Um dos textos mais significativos do uso de todas essas palavras e dos jogos próprios do termo *Ursprung* é o prefácio de *Para genealogia da moral*. O objeto da pesquisa é definido no início do texto como a origem dos preconceitos morais; o termo então utilizado é *Herkunft*. Em seguida, Nietzsche volta atrás, fazendo a história deste inquerito em sua própria vida; ele se lembra do tempo em que “caligrafava” a filosofia e em que se perguntava se era preciso atribuir a Deus a origem do Mal. Questão que agora o faz sorrir e sobre o qual ele diz justamente que era uma pesquisa de *Ursprung* (FOUCAULT, 1970, p.17).

E quando Nietzsche alude ao título do livro de Paul Rée, o faz de maneira irônica e, para tal, o termo utilizado é *Ursprung*: “O título do livrinho era *A origem das impressões morais*” (NIETZSCHE, 1998, p. 10). Por fim, na segunda dissertação, parágrafo 6º, quando o filósofo identifica que conceitos morais tiveram seu surgimento nas obrigações legais, na relação contratual entre credor e devedor, a palavra utilizada por Nietzsche para designar origem é *Entstehung*.

Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem [*Entstehung*] desse mundo de conceitos morais: ‘culpa’, ‘consciência’, ‘dever’, ‘sacralidade do dever’- o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue. (NIETZSCHE, 1998, p.55).

Por meio desse jogo de palavras identificado por Foucault no texto de Nietzsche, parece-lhe caro, para além de esclarecer qual significação o filósofo alemão pretende utilizar em cada momento, apontar que os termos *Herkunft*, *Entstehung* e *Erfindung* marcam melhor que *Ursprung* o objeto de uma genealogia.

Entretanto, o que cabe apontar sobre essa dupla interpretação da palavra *Ursprung*? Sobre esta diferenciação está em jogo a hipótese, apontada por Foucault, de distinguir em Nietzsche uma pesquisa genealógica que procura a origem dos fenômenos de uma maneira inversa ao modo do questionamento e reflexão da metafísica. Isto

é, a pesquisa genealógica sobre os juízos morais ou qual a procedência da moral, apreendida por Nietzsche, fundam suas buscas num *Herkunft*, *Entstehung* e *Erfindung*, ou seja, numa procedência, surgimento e invenção em colisão ao método histórico tradicional, que procura a origem de seus acontecimentos em ideias fixas e finalidades metafísicas, conforme enobrece o argumento do professor Oswaldo Giacoia:

O problema genealógico, para Nietzsche, seria, propriamente o da busca da *Herkunft*, da *Entstehung*, da *Erfindung* dos conceitos, juízos e sentimentos morais, termos que remetem à proveniência, surgimento e invenção, deixando entrever o caráter casual, muitas vezes abastardo, a baixa extração das proveniências e surgimentos, em contraposição à solene necessidade da origem, tradicionalmente pensada pela metafísica como integrando o mundo ideal das essências eternas” (GIACOA, 1990, p. 55).

Para Foucault, o Nietzsche genealogista recusa a pesquisa da *Ursprung*, posto que esta procura a verdade essencial das coisas, a origem última dos acontecimentos, o desvelar sublime da verdade e das identidades primeiras. Logo, deve ser abandonada em favor de uma pesquisa de *Herkunft*, *Entstehung* e *Erfindung*. Portanto, o genealogista é aquele que escuta a história e não a metafísica. Usando a expressão nietzschiana, seu caráter é próprio dos “espíritos históricos” e não de maneira essencialmente a-histórica, como é costume dos filósofos. Sua intenção é uma evidente crítica aos pensadores do seu tempo, sobretudo historiadores da moral e filósofos que prosseguem suas pesquisas desconsiderando os fatos históricos. Ao resgatarmos a crítica nietzschiana, exposta no segundo aforisma da primeira dissertação de *Genealogia da moral*, queremos evidenciar que o projeto genealógico não está separado dos acontecimentos pormenorizados da história. Munido do sentido histórico - “*Wirkliche Historie*” - o genealogista deseja apontar o forjar das essências. Isto é, ele não busca na metafísica a significação de conceitos como liberdade e justiça, por exemplo. Pelo contrário, percebe ao vasculhar a história, que as essências, verdades eternas, preceitos morais foram criados peças por peças.

É importante esclarecer que não se pretende neste artigo efetuar uma análise da fidelidade interpretativa que Foucault fez de Nietzsche. Visa-se apontar a influência da genealogia nietzschiana no projeto filosófico que o francês executa a partir de 1970, ou se quiserem, após assumir a cátedra de História dos Sistemas de Pensamentos no Collège de France, para seguir no cumprimento elucidativo da relevância que a grade de inteligibilidade genealógica possui para as análises da relação entre poder e saber.

Uma diferença importante entre Nietzsche e Foucault é que, frequentemente, Nietzsche parece fundar a moralidade e as práticas sociais em táticas de atores individuais; Foucault afasta totalmente o caráter psicológico da abordagem e considera toda a motivação psicológica não como a fonte, mas como o resultado de estratégias sem estrategista. Em vez de origens, significados escondidos ou intencionalidade explícita, Foucault, o genealogista, vê relações de força funcionando em acontecimentos particulares, movimentos históricos e história. (DREYFUS; RABIBOW, 2010, p. 145).

Nietzsche aparece com sua genealogia, *grosso modo*, para tratar “do valor da moral” (NIETZSCHE, 1998, p. 11). É, todavia, em suas buscas que os filósofos se diferenciam. Foucault utiliza-se de Nietzsche e de sua interpretação histórica para alçar reflexões para outro objeto: o poder. Portanto, se faz necessário ressaltar que não há em Michel Foucault uma teoria geral do poder. Entretanto, apropriando-se do conceito de história de Nietzsche, Foucault abre luz para a seguinte interpretação: para um genealogista não faz sentido buscar a verdade nas essências ou a *Ursprung* dos acontecimentos, mas vasculhá-los nos mínimos detalhes e compreender a “história da malícia mesquinha, das interpretações violentamente impostas, das intenções viciosas, das narrativas gloriosas que mascaram as razões mais vis” (DREYFUS, RABIBOW, 2010, p. 144); levantando uma crítica às interpretações do poder que permearam a tradição política, como um objeto que pode ser transferido de um indivíduo a outro ou constituído por meio de um contrato. O poder encontra-se nas mínimas relações e por meio de uma interpretação da história o genealogista aponta os campos sangrentos onde os conceitos

foram forjados e o poder anunciado.

Se interpretar era colocar lentamente em foco uma significação oculta na origem, apenas a metafísica poderia interpretar o devir da humanidade. Mas se interpretar é se apoderar por violência ou sub-repção, de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e lhe impor uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um outro jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de interpretações diferentes (FOUCAULT, 1997, p. 26).

O poder deve ser percebido como uma prática social constituída dentro da história e o seu pensar só faz sentido por meio de uma análise das relações de poder. Talvez seja este o maior legado acerca do estudo do poder impetrado por Foucault. Esta reflexão só foi possível após 1968, quando se espreitou por outros caminhos o estudo do poder. Não pelo viés da soberania, pelos termos da constituição como faziam os juristas, ou, pelo aparelhamento do Estado, como os marxistas. O primado de Foucault nas reflexões sobre poder está em realizar suas análises por meio da genealogia do poder em momentos marcados e definidos dentro da história. Em *Vigiar e punir*, por exemplo, suas reflexões abordam a instituição penal e a história da criminalidade e são elaboradas com base em análises nas transformações das penas infringidas sobre o corpo do sentenciado a partir do século XVII e XVIII. Esse estudo só foi possível por meio de pergaminhos e processos daquele período. Nota-se que o filósofo não busca forjar conceitos de justiça ou demais conceitos, mas interpretar os acontecimentos de seu tempo. Assim se constitui a análise foucaultiana:

Em *Vigiar e Punir* o que eu quis mostrar foi como, a partir dos séculos XVII e XVIII, houve verdadeiramente um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder. As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – exército, polícia, administração local – mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitem

fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo o corpo social (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Os estudos acerca da criminalidade e os discursos sobre sexualidade pormenorizados por Foucault apontam para uma relação de força aplicada ao corpo. Este, que está inserido num determinado contexto histórico, surge como objeto fundamental para análise do poder e das relações de força que vemos emergir de ciências que constituem saberes. Sintetizando, o corpo surge como objeto dos saberes e das relações de poder. Como percebemos nos estudos sobre a criminalidade, surgem saberes jurídicos, psiquiátricos e econômicos, que são responsáveis por toda uma variedade de discursos de verdade que, em certa medida, serão aplicadas ao corpo para “aprimorá-lo”, “adestrá-lo”, seja em forma de leis, reclusão, banimento, ressocialização ou projetos educacionais. O poder é mais do que um imperativo que diz não, ele vai além da forma de adestrar e moldar o corpo por meio de admoestações físicas, ele se mantém numa circularidade permanente com o saber, forjando mecanismos de controle e sujeição. E o saber em continuidade com esta circularidade fomenta as relações de poder. Assim esclarece Foucault:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Finalmente, o que está em jogo, quando se define valor de verdade ou discursos de verdade? Por verdade, Foucault nos lembra: “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 1979, p. 14). O que procura determinadas disciplinas no anseio de serem definidas como ciências? O que está em jogo é uma vontade de verdade, diria Foucault, leitor de Nietzsche. Saberes constituídos de discursos de verdade circunda e fabricam o poder. Portanto, a genealogia não deve

cessar com as desconstruções, o desvelar, o mostrar o que está por trás dos discursos de verdade. Essa é sua finalidade.

Do exposto, somente após enveredar-se pela genealogia foi possível pensar o poder como relação de força contínua e permanente. Ele não provém de um ser transcendental ou de uma ciência primeira, mas está nas minúcias das relações cotidianas. E, assim como Nietzsche indica o forjar e o emergir das moralidades num determinado momento da história humana, Foucault também procura nela os pontos de emersão dos saberes e das relações de poder, apontando um novo caminho para a reflexão dos processos de sujeição do corpo. Enfrentar a metafísica e questionar o que antes era inquestionável foi o maior legado de Nietzsche para o pensamento crítico político de Michel Foucault.

Abstract: In an interview with Alexandre Fontana entitled “Truth and Power”, published, compiled and organized by Roberto Machado, *Microphysics of the power*, Michel Foucault clarifies that in his first writings, *Madness and civilization* (1961) and *The Birth of the Clinic* (1963), the analysis field about power was out of his league. Only after the revolutionary happenings of 1968, according to the philosopher, was fecundity possible in his analysis of power. The condition of possibility introduces itself in the genealogy as a GRADE of intelligibility to the study of the power. This article, presented in XIX Philosophy Week of UFG, intends to discourse about the text *Nietzsche, genealogy and history* (1971), considering that it is in this writing that the genealogical method, which one will find throughout Foucault’s work, is more mature in the 1970’s and, from the instrumentation of this method, the analysis of power will possibly be clarified, as the author proposes.

Keywords: genealogy; *Ursprung*; Nietzsche; power.

Referências

DREYFUS, Hubert; RABIBOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória*

filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. Ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____, M. Nietzsche, A genealogia e a História. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola. 1996

_____, M. A Genealogia e Poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIACOLA, Oswaldo. *Filosofia da Cultura e Escrita da História: Notas sobre as Relações entre os Projetos de uma Genealogia da Cultura em Foucault e Nietzsche*. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, v. 3, p. 24-50, setembro de 1990.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.